

Em busca do leitor – Transcrição e adaptação de *Os sertões* para o sistema literário argentino

Mitizi Gomes*

RESUMO: *Os sertões* é, talvez, uma das obras mais curiosas da literatura brasileira. Os estudiosos, até hoje, têm dificuldades de enquadrá-la em algum gênero literário, uma vez que o texto apresenta-se híbrido. Assim, podemos afirmar que, por suas peculiaridades, o ato tradutório de *Os sertões* se torna extremamente complexo. Mesmo assim, a obra de Euclides da Cunha foi traduzida para diversas línguas, e o espanhol foi a primeira delas. Na Argentina, duas traduções diferentes apareceram em um curto espaço de tempo: uma feita por Benjamín de Garay e outra por Enrique Pérez Mariluz, em 1938 e 1941, respectivamente. Tais traduções têm diferenças fundamentais entre si, mas cumprem os fins a que se propõem no momento em que entram no sistema literário argentino.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura comparada, sistema literário, tradução, *Os sertões*.

ABSTRACT: *Os sertões* is perhaps one of the most curious peaces in Brazilian Literature. Scholars still face problems when trying to classify it into a genre since the text presents itself as a hybrid. Thus the complexity in making an act of translation. Whereas this work by Euclides da Cunha has been translated into a great number of languages, Spanish was the first one. In Argentina, two different translations were launched in a short period of time: one by Benjamín de Garay and another by Enrique Pérez Mariluz, in 1938 and 1941, respectively. These translations have fundamental differences between each other, although reaching their purpose at the moment they are included in the Argentinean literary system.

KEYWORDS: Compared literature, literary system, translation, *Os sertões*.

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora Universidade Norte do Paraná, Instituto Dimensão, Pelotas (RS).

Assim, a primeira função da tradução (e papel dos tradutores) é fazer circular um texto fora da literatura de origem, disseminá-lo, difundi-lo. O tradutor, por vezes designado de “barqueiro” (ele atravessa um rio), possibilita o acesso não só a uma obra literária gerada em outra língua, mas a costumes e princípios que o texto, traduzido, veicula.

(Tania Franco Carvalhal, 2003)

Sabemos que ao traduzir se realiza um exercício de transmissão cultural de grande responsabilidade. Dessa forma, muitos estudiosos voltaram seus olhares para a tarefa de traduzir como sendo uma subversão de fronteiras puramente linguísticas. Nesse sentido, a teoria do polissistema de Itamar Even-Zohar colaborou para que, nos estudos de tradução, houvesse a integração entre o enfoque linguístico e o enfoque cultural, uma vez que a tradução faz parte do “polissistema literário”, e, portanto, faz parte de um contexto sociocultural. A literatura, segundo o autor, é um polissistema composto de sistemas, que por sua vez são constituídos por subsistemas. Tais sistemas se inter-relacionam com outros sistemas extraliterários. Para Even-Zohar, a literatura traduzida, por pertencer ao sistema, interfere no cânone literário de uma dada cultura, alterando normas, mexendo em hierarquias.

Sobre o ato tradutório, María Calzada (2002, p.80) lembra que os textos traduzidos, ao longo da história, foram relegados a um lugar secundário em relação a textos originais, genuínos, autênticos. No entanto, a dignificação da tarefa, segundo Susan Bassnett (apud Calzada, 2002, p.80), aconteceu com a Escola do Polissistema e com os Estudos Descritivos da Tradução, pois há, nesse momento, um distanciamento de visões exclusivamente eurocêntricas e um resgate de teorias periféricas.

Depois de a tradução ter deixado de ser vista como texto de segunda classe, e de teóricos como Even-Zohar e Gideon Toury se preocuparem com “a função da literatura traduzida dentro de um sistema literário”, a tradução

começa a ameaçar os domínios do texto original, conforme nos diz Bassnett (1993). Nesse contexto, a tradução passa a ser entendida como uma força capaz de alterar a história literária.

Bassnett destaca a importância dos estudos de tradução desenvolvidos nos anos 1980, e diz que o preconizado por Lefevere nesse período era a extrema importância das “reescrituras” para os sistemas literários, especialmente porque sinalizavam para mudanças na recepção desses sistemas.

Assim como a teoria do polissistema, as teorias acerca da recepção também colaboraram para o desenvolvimento dos estudos de tradução (bem como para a teoria e para a história literárias), especialmente porque, de acordo com Miguel Gallego Roca (1994, p.76), o desenvolvimento dos estudos de recepção, ainda que sem referências explícitas, “privilegiava la traducción como testimonio de la recepción de obras extranjeras”. Os estudos desenvolvidos por Hans Robert Jauss preocupam-se com a recepção de uma dada literatura pelos leitores ou por uma cultura, pois, para ele, “una obra es el texto más su recepción, esto es, una estructura dinámica que sólo puede ser captada en sus concreciones históricas sucesivas” (ibidem, p.79). Nesse aspecto, a tradução exerce papel fundamental porque proporciona à obra literária estrangeira a passagem para uma cultura distinta; e também pode ser responsável pela recuperação, na cultura alvo, de uma “tradición olvidada o reprimida por el canon vigente” (ibidem, p.80) na cultura de origem.

Com base nessas afirmações, podemos concluir que uma literatura traduzida pode colaborar para a configuração do polissistema da cultura que a recebe. As traduções de obras da literatura de fronteira uruguaia ou argentina, por exemplo, podem ser consideradas como obras que compõem o sistema literário brasileiro/gaúcho, porque o texto traduzido passa a fazer parte da cultura receptora, como postula Tania Carvalhal (2003, p.158). Para tanto, devemos ressaltar a responsabilidade de quem realiza as reescrituras, uma vez que essa atividade garante a sobrevivência e assegura a recepção das obras literárias no sistema alvo. O

tradutor, nesse contexto, realiza a conexão entre duas culturas, duas línguas, dois sistemas literários, e proporciona aos leitores uma obra manipulada, reescrita, mais ou menos próxima de sua própria cultura (alvo).

A fim de exemplificarmos a questão da interferência das literaturas estrangeiras em um sistema literário, citaremos os exemplos das traduções feitas de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, para o espanhol. A Argentina foi o primeiro país a traduzir a obra desse autor brasileiro. Para este estudo, selecionamos as traduções feitas por Benjamín de Garay e por Enrique Pérez Mariluz, no período que compreende o final da década de 1930 e o início da década de 1940.

Curiosa é a tradução feita por Mariluz, em 1941, que foi publicada apenas três anos após o trabalho reconhecidamente perfeito de Garay, no mesmo país, visto que o texto daquele possui 172 páginas, e é desnecessário alertar que se trata de uma edição compendiada, que exclui muitos trechos do texto de Euclides.

Enquanto Garay traduz para o espanhol *Os sertões* na íntegra, Pérez o faz de maneira compilada. Para Walter Benjamin (1994), uma obra pode ser traduzida tantas quantas forem as possibilidades que oferece, uma vez que a tradução garante a sobrevivência da obra, mas, no caso do texto brasileiro, as duas traduções aconteceram em um espaço muito curto de tempo. Ao analisarmos esse fato, questionamos: o que fez que o texto de Mariluz viesse ao mercado quase que concomitante ao de Garay? O que fez que a tradução de Garay tenha resistido por mais de cinquenta anos e a outra sequer seja citada?

A última pergunta talvez seja mais fácil de responder, basta lembrarmos que, há até poucas décadas, a tradução era vista como um trabalho de menor valor, comparativamente à criação. Nesse contexto, também os textos compendiados não eram tratados com a mesma seriedade com que era tratada uma tradução “clássica”, a qual buscava manter a forma do original.

André Lefevere (1997, p.19), ao falar da importância das reescrituras para a evolução das literaturas do passado

(na esfera do pensamento de Benjamin acerca da perpetuação de certas obras), afirma que quem se dedica a esse estudo deve perguntar-se sobre os objetivos do trabalho, ou seja, “*quién reescribe, por qué, en qué circunstancias, para quién*”. Ao buscar responder a essas perguntas, poderemos entender se tal trabalho tem base ideológica ou “*motivaciones poetológicas*” (ibidem, p.21), pois, à medida que são reescritas, as obras tendem a estar ligadas a uma dessas correntes.

Uma das explicações para a realização desse trabalho de Mariluz pode estar ligada às questões mercadológicas e culturais, como vem explicado na última página pela Editorial Atlántida, acerca da coleção “Biblioteca Billiken”, da qual faz parte a tradução em questão. De acordo com a editora, o objetivo dessa publicação é divulgar literatura de qualidade a preços acessíveis. Assim, a coleção é dividida em três categorias: Vermelha, Verde e Azul. A primeira coleção, Vermelha, é composta por adaptações e reduções de obras clássicas da literatura universal, como *A Ilíada*, *A odisséia*, *Dom Quixote*, obras de Shakespeare, de Molière, de Schiller, de Dickens, de Dumas etc.; a coleção Verde compreende biografias de pessoas famosas ou históricas, como a de São Francisco de Assis, de Pasteur, de Hernán Cortés, de Napoleão, de Cabeza de Vaca, entre outros; a coleção Azul compreende obras, feitos e homens da América, como *Martín Fierro*, *Amália*, *O último dos moicanos*, *Lincoln*, *Bolívar*, *Os sertões*, entre outros. Euclides da Cunha encontra-se em um grupo de autores do cânone universal.

Ao analisar a nota da editora, vemos que a publicação do texto de maneira resumida é justificada porque o objetivo primeiro é divulgar a literatura de forma acessível. Se, como nos diz Tania Carvalhal (2003, p.23), a “*traducción [es el] resultado de una elección, de una opción consciente ante una necesidad del polisistema al que se decide, voluntariamente, nutrir*”, percebemos por meio dos comentários da editora a importância que o texto assume no contexto argentino do período. Disponibilizar literatura canonizada a preços acessíveis no final da década de 1930 e início

da década de 1940 pode estar ligado ao momento político vivido na Argentina no período em questão. A chamada “Década infame” (1930) propiciou a afirmação do sentimento nacionalista que nascera ainda no século XIX, em consequência, especialmente, da imigração em massa ocorrida no país, em sua maioria por italianos.¹

Essa população de imigrantes, em grande parte, constituía a classe operária da Argentina, classe essa que tinha como base fundamentos socialistas e anarquistas, mas que possuíam muitas carências em diversos aspectos. No final do século XIX, algumas organizações tentavam encontrar soluções para essas carências da classe operária. Dentre as organizações criadas para esse fim, temos a liderada pelo padre Federico Grote, em 1892, chamada “Círculos Sociales Obreros”, e a “Liga Social Argentina”, surgida em 1908, que tinham como objetivos manter a organização cristã da sociedade, suplantando as tendências subversivas e elevar econômica e intelectualmente as classes sociais (Spektorowski, 2003).

As condições de vida da classe operária eram alvo de constantes discussões, especialmente porque essa era considerada a “força da nação”. Muitos nacionalistas participaram da análise social nesse período, dando atenção especial à situação da classe operária em uma sociedade que possuía uma política democrática que não solucionava os problemas sociais detectados por eles.

Para Spektorowski (2003), as mudanças sociopolíticas ocorridas na Argentina nas décadas de 1930 e 1940, o surgimento do “nacionalismo integral” – que tinha o objetivo de resolver os novos problemas advindos da modernização econômica e política porque era uma alternativa entre o liberalismo e o socialismo marxista – e o aparecimento da *clase obrera*, que ganhou força em virtude da imigração europeia, modificaram definitivamente o país. Esses elementos associados interferiram, sobretudo, no ponto de vista ideológico das elites liberais da classe média que, desde 1916, com o populismo de Hipólito Yrigoyen (UCR – União Cívica Radical), governavam o país.

¹ As políticas adotadas para promover a aproximação entre os imigrantes e o nacionalismo argentino afetaram, sobretudo, os filhos desses imigrantes, porque se direcionavam à educação, ou seja, o governo realizou mudanças na política educacional, promovendo, entre outras coisas, o civismo e a obrigatoriedade da língua espanhola. Difícil era atingir os pais, sobretudo porque mantinham preservados os costumes de seu país de origem através das associações étnicas (cf. Devoto, 1999, p.59).

² Para que essas considerações se confirmassem efetivamente, seria necessário pesquisar de forma aprofundada em periódicos e revistas do período informações pertinentes para analisar a recepção de tal texto naquela sociedade e buscar possíveis explicações tanto para a escolha de *Os sertões* quanto para as possíveis razões de haver duas traduções diferentes e uma segunda edição da obra no referido período.

Ainda para o historiador Spektorowski, o “nacionalismo integral” nasceu do partido conservador argentino, e rejeitava tanto o radicalismo yrigoyenista quanto as ações da classe operária, que têm em sua base os fundamentos socialistas e anarquistas. Para tal movimento, o populismo de Yrigoyen não possuía política pró-operária, como necessitava a *clase obrera*, tampouco uma visão industrialista, reclamada pelos nacionalistas integralistas.

Mesmo que os nacionalistas afirmassem almejar o bem-estar dos trabalhadores e mantivessem um discurso pró-operário, a *clase obrera* se voltou realmente ao nacionalismo com a chegada de Perón ao poder, em 1946. Entretanto, a Aliança Nacionalista foi o primeiro movimento que conseguiu mobilizar a massa proletária para a comemoração das conquistas trabalhistas, em 1938. Os panfletos desse movimento dão destaque à contribuição dos operários para a nação argentina e se contrapõem ao capitalismo e ao marxismo, por acreditar que ambos prejudicam a classe operária porque são opressores, ainda que de formas diferentes. Para eles, somente o nacionalismo proporcionaria a harmonia entre as classes.

Tendo como base essas informações acerca do ambiente político antes da chegada de Perón ao poder, vemos que a preocupação com a classe operária argentina relacionava-se tanto às condições materiais quanto às intelectuais e culturais, daí a importância de editoras que publicassem textos clássicos e acessíveis. A divulgação cultural fazia parte do projeto nacionalista de busca de inclusão da classe operária na sociedade argentina.² Assim, por ser um clássico reconhecido no Brasil com inúmeras publicações desde 1902, *Os sertões* obteve, na Argentina, três publicações entre 1938 e 1942.

No estudo feito por Gustavo Sorá (2003), intitulado “Livros de autores brasileiros na Argentina: uma força de alteridade negada”, o antropólogo argentino analisa a recepção das obras brasileiras traduzidas em seu país ao longo do século XX. Nessa análise, Sorá dá destaque ao fato de que, atualmente, justamente quando se fala em Mercosul,

está acontecendo um *curto-circuito cultural* entre os dois países, e os argentinos desconhecem a produção literária brasileira. Atualmente, o mercado editorial argentino publica as obras de Paulo Coelho (especialmente por influência do mercado editorial europeu) e algumas obras de Jorge Amado. Diante dessa constatação, o autor afirma que houve um intercâmbio cultural maior entre os dois países em épocas em que não existiam políticas de integração.

O período destacado pelo estudioso como sendo o mais profícuo para o intercâmbio cultural é o compreendido entre os anos de 1937 e 1945. Segundo ele, os intercâmbios científicos e culturais nesse período se davam por iniciativa das políticas culturais do governo, e não por iniciativas particulares. A atividade editorial de obras brasileiras na Argentina foi intensa, porque, no Brasil, o Estado Novo de Getúlio Vargas propagava a ideia de “autêntica cultura brasileira”, e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) “promoveu um complexo de ações tendentes a difundir a imagem do país no exterior” (Sorá, 2003, p.202).

No que diz respeito ao trabalho feito por Garay, devemos destacar que a Editorial Claridad identificava-se como “tribuna do pensamento de esquerda”. Nesse sentido, a editora apostou em um novo público leitor, como “operários, estudantes, funcionários públicos e outras novas comunidades receptoras de cultura” (ibidem, p.192). O objetivo de Claridad era traduzir textos de cunha realista e de crítica social, por isso, muitos dos textos traduzidos, principalmente por Garay, estão diretamente relacionados aos problemas e características especificamente brasileiros. Nesse sentido, o trabalho do tradutor vai além da tradução linguística, especialmente porque aí entra o trabalho de tradução cultural, preconizado por Ovidi Carbonelli i Cortés (1997), que objetiva dar à cultura alvo um texto que explicita o exótico por meio das estruturas de representação da cultura e língua de destino.

No caso específico da tradução da obra *Os sertões* feita por Mariluz, o “mecenas” – que pode ser a editora que está a serviço de um partido político ou classe social – está

muito mais preocupado com a ideologia do texto do que propriamente com sua poética. No referido trabalho, o reescritor da obra de Euclides dá maior atenção ao conteúdo em detrimento do estilo, ou do efeito de sentido causado por sua forma peculiar.

Assim, Mariluz reescreveu a obra e adaptou-a ao período vivido na sua cultura. Para o momento, importava mais a história contada por Euclides da Cunha acerca da Campanha de Canudos, da resistência do povo sertanejo, da guerra e da vitória das forças republicanas, do que a forma como fora contada, uma vez que pouco se encontra no texto argentino resumido a voz do original. Também as diferenças culturais e étnicas destacadas pelo escritor brasileiro deveriam ser divulgadas, basta atentarmos para os textos que compõem a coleção Azul junto com *Os sertões*, como os que falam do povo indígena, por exemplo.³

Para que se entenda melhor esse processo tradutório, daremos alguns exemplos dos trabalhos dos referidos tradutores, cotejando-os com o original brasileiro. Na tradução de Mariluz, vemos que, na primeira parte, intitulada “La tierra”, o tradutor seleciona somente alguns trechos significativos para contextualizar o espaço no que diz respeito às condições climáticas e à formação do deserto. O tradutor exclui de seu texto todas as informações de cunho geológico. A narração é iniciada com os feitos dos bandeirantes no reconhecimento das terras brasileiras, os quais são relacionados à curiosa hidrografia que parece “nascer no mar e penetrar na terra”. Entretanto, no início do texto de Euclides não há referências às conquistas bandeirantes, pois essa informação só constará na segunda parte do livro, em “El hombre”. A tradução resumida de Mariluz procura contextualizar a história da exploração do território brasileiro para o leitor argentino (ou de língua espanhola).

O procedimento adotado pelo tradutor para escrever seu resumo é ler e reescrever o que foi lido, excluindo aspectos que considera menos relevantes, ou repetitivos. Como exemplo desse procedimento, temos a passagem

³ Referimo-nos, além dos já citados anteriormente, a “Una excursión a los indios ranqueles, leyendas y fabulas guaraníes”, “La conquista del Perú”, “Los pieles rojas”, por exemplo (cf. Cunha, 1941).

extraída da primeira parte, “La tierra”, que fala da constituição do espaço físico:

De tanto en tanto, se advierten parajes menos estériles, que tienen su origen en la descomposición del granito. Entonces, en medio de esas manchas arcillosas, los ouricuryseiros levantan sus copas fructíferas alrededor de las ipueiras. Estos oasis no tienen para el sertanero el aspecto fresco y acogedor de los del Sahara, suelen ser lúgubres, cercados de cardones pelados y tristes, como espectros de árboles. (Cunha, 1941, p.11)

No texto de Euclides, a passagem que corresponde a essa citada de Mariluz apresenta-se mais detalhada e, consequentemente, mais extensa:

Intercorrem ainda paragens menos estéreis, e nos trechos em que se operou a decomposição *in situ* do granito, originando algumas manchas argilosas, as copas virentes dos ouricuryseiros circuitam – parênteses breves abertos na aridez geral – as bordas das *ipueiras* estas lagoas mortas, segundo a bela etimologia indígena, demarcam obrigatória escala ao caminhante. Associando-se às cacimbas e *caldeirões*, em que se abre a pedra, são-lhes recurso único na viagem penosíssima. Verdadeiros oásis, têm, contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizados em depressões, entre colinas mas, envoltas pelos *mandacarus* despidos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poente e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem. (Cunha, 2001, p.22)

Nesse trecho de Euclides, percebe-se que o narrador preocupa-se em descrever o espaço minuciosamente, bem como situar o leitor. Também no texto de Mariluz há o objetivo de situar o leitor, mas isso é feito de forma diferente. O tradutor utiliza o artifício da comparação e, além da imagem do oásis já citada por Euclides, fala claramente do Saara, porque é a ideia mais comum de deserto. O leitor argentino necessita de certas referências para “visualizar” o espaço do *outro*.

O tradutor suprime de seu relato os trechos líricos de Euclides – aqueles que buscam dar ao leitor a dimensão clara da situação em todos os seus aspectos; aqueles em que o escritor mostra os seus sentimentos em relação ao fato narrado, ou à cena descrita –, e reduz, muitas vezes, os trechos que não pode suprimir ao conteúdo informativo, somente. Analisemos o seguinte fragmento de Mariluz:

La sequedad de la atmósfera alcanza grados anormalísimos, al punto de que los cuerpos orgánicos sin vida no se descomponen a la intemperie. Una vez puede contemplar, a la sombra de una quixabeira alta y solitaria, a un soldado que, con los brazos ampliamente abiertos y el rostro vuelto hacia el cielo, descansaba...

Descansaba hacia tres meses...

Había muerto en el asalto a Canudos y todo en él revelaba que había sucumbido en una áspera refriega. Seguramente no lo vieron cuando enterraron a sus compañeros de desdicha y había quedado allí, solitario, insepulto, pero libre de la fosa común de tres palmas de profundidad.

Estaba intacto, marchito apenas. Se había momificado, conservando los rasgos fisonómicos, de modo que diera la ilusión perfecta de un luchador cansado, que se retemplaba en tranquilo sueño a la sombra de aquel árbol bienhechor. Ni un gusano – le había maculado los tejidos. (Cunha, 1941, p.15-6)

No texto de Euclides, não há essa conclusão explícita acerca das influências da baixa umidade do ar e das altas temperaturas sobre corpos orgânicos sem vida. Mariluz infere essa informação a partir da narração feita acerca do soldado morto e a coloca como síntese explicativa no início da descrição da cena. Para o tradutor, a cena está a serviço das informações meteorológicas do sertão, que são abstratas para o leitor. Para Euclides, além de a cena também servir a esse propósito, mostra a situação de esquecimento para com o soldado morto e de desrespeito para com os mortos de guerra, pois o homem que morreu em batalha não fora percebido pelas pessoas que enterraram amontoados os soldados mortos em uma vale comum.

Ao lado, uma árvore única, uma quixabeira alta, som-branceando a vegetação franzina.

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face voltada para os céus – um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho. A coronha da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartilhara, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luars claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranqüilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme – o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria – lhe maculara os tecidos. Volvera ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares. (Cunha, 2001, p.39)

Na segunda parte, intitulada “El hombre”, o tradutor continua a fazer cortes para resumi-la a 28 páginas – o que, no original, possui 147 páginas. Para esse capítulo, o tradutor dá o menor espaço em seu texto, comparativamente ao trabalho de Euclides da Cunha.⁴ Mas é “La lucha” que constitui a parte mais substancial do texto de Mariluz. Desse ponto em diante, o autor dá ênfase às expedições e seus respectivos desfechos.

⁴ Apenas a título de curiosidade, fez-se um cálculo de número de páginas para comparar as proporções do resumo em relação ao texto integral. No texto de Euclides, “A terra” recebe uma parte de 11,75% do total do livro; “O homem” recebe 24,66%; e “A luta”, 63,43%. No texto de Mariluz, “La tierra” ocupa 13,37% do total do livro; “El hombre” recebe 16,28%; e “La lucha”, 69,77%. No texto resumido, o capítulo “El hombre” perde espaço para os demais capítulos e, conseqüentemente, discute de forma muito breve a constituição do homem nordestino.

O tradutor, coerente com a postura de escrever concisamente tomada desde o início de seu trabalho, encerra a história quando o cadáver de Conselheiro é encontrado, já que a narrativa centrou-se foco nessa personagem. Assim, Mariluz não dá relevo aos seguintes fatos: à descrição das condições do corpo do Conselheiro; à preocupação em tratar o “prêmio” cuidadosamente; à preocupação em fotografar Conselheiro para convencer a opinião pública do fim da guerra e à atitude de cortar e levar a cabeça para ser festejada no litoral.

Quando o tradutor argentino realiza tais cortes, vemos que seu texto possibilita ao leitor de língua espanhola entender apenas como foi a guerra de Canudos e como os exércitos se enfrentaram. As informações que Pérez Mariluz coloca nas duas primeiras partes servem somente para situar o leitor na realidade sertaneja, que está muito distante da cultura argentina. Ao traduzir *Os sertões*, tanto Garay quanto Mariluz perceberam essas diferenças culturais, já que o sertanejo não se assemelhava a nenhum outro tipo latino-americano quanto à sua constituição étnica, tampouco a cor local era familiar; entretanto, a luta do sertanejo pela defesa de algo era familiar: era uma voz periférica que gritava contra as forças oficiais.

Ao observarmos o texto do tradutor Mariluz, entendemos que deu ênfase principalmente ao “conteúdo comunicacional”, pois filtrou do original apenas a ação, descartando os trechos líricos existentes, que são significativos para que possamos entender a trajetória da escrita de *Os sertões*. Ao excluir tais momentos, o tradutor não possibilita ao leitor perceber que o texto é coeso em seu conteúdo e em suas intenções, porque a construção imagética é desfeita. A partir do resumo, é impossível perceber as ligações existentes entre as três partes em que o texto é dividido. Assim, ainda que o tradutor tenha “interpretado” o texto, ele silenciou Euclides da Cunha, pois seu texto não possui o “eco do original”, conforme nos diz Walter Benjamin a respeito de como deve ser a tarefa do tradutor.

Em relação ao trabalho de tradução feito por Benjamín de Garay,⁵ podemos afirmar que há muitas marcas deixadas pelo tradutor e que elas colaboram para a transmissão de elementos culturais do texto fonte para o texto alvo. Tal tradução difere em muitos aspectos daquela feita por Mariluz, especialmente porque o trabalho de Benjamín de Garay tem uma preocupação com a transmissão de elementos culturais brasileiros para o leitor argentino. Nota-se no trabalho desse tradutor uma preocupação com o estilo do texto do autor brasileiro. Segundo Garay, foi preciso atuar como um escritor de um texto original, pois as estratégias discursivas de Euclides da Cunha, ou ainda da própria língua portuguesa, não são transparentes para a língua espanhola. Essa afirmativa justifica-se no momento em que sabemos que o tradutor argentino diz não conseguir, por vezes, traduzir uma sentença, deixando-a no original português.

Garay (1942, p.11), diante das dificuldades com as quais deparou na tarefa de traduzir *Os sertões*, alerta o leitor para as falhas que deixou ao longo do texto em espanhol, pois, para ele, o texto é intraduzível porque Euclides criou um estilo próprio de escrita.

Y a pesar del cariño, la pulcritud lingüística y el máximo esfuerzo personal que se ha puesto en esta versión, para conservar en lo posible el inimitable estilo euclidiano, alma y enjundia de esta obra magistral, no nos creemos libres de defectos ni del todo limpios de pecados. Es natural haberlos cometido en la traducción de este libro, tratándose como se trata de una obra de gran aliento, de ciencia y de arte, de verdad y belleza, de análisis y de justicia, realizado por un genio en una prosa única. Única no puramente por su estilo, sino también por su complejidad lexicográfica, el desconcertante vigor de sus imágenes, más la plenitud y la variedad de conocimientos científicos que en él se han puesto al servicio del genio literario.

Quando se refere à complexidade da obra, o tradutor destaca que o título já traz em si uma particularidade regional, tanto do ponto de vista linguístico quanto do ponto

⁵ O texto de Euclides da Cunha foi publicado por diferentes editoras, mas sempre com a tradução feita por Garay em 1938, por ser considerada a melhor feita para a língua espanhola. Mais recentemente, em 2003, temos uma nova publicação do texto, com prólogo de Florencia Garramuño e tradução de Benjamín de Garay (cf. Cunha, 2003).

de vista geográfico. Assim, Garay dá autonomia à palavra e a traduz para o espanhol, embora não existindo para ela uma correspondente.

Hasta el título del libro – Os Sertões – es intraducible. El vocablo regional sertão no tiene equivalente en nuestro idioma. Ni en ningún otro. Expresa una particularidad de la geografía física de determinada zona del Brasil, que participa de singularidades geológicas, topográficas y biológicas, vale decir, cosmorámicas.

La palabra en sí es, desde luego, nada más que una corrupción o una mutilación del aumentativo portugués de deserto, esto es, sertão (desiertón). (ibidem)

Ao comentar sobre a origem, a formação da palavra que nomeia o livro brasileiro, o tradutor arrisca uma análise sociolinguística (ainda que intuitivamente), em que as características do meio em que os falantes estão inseridos influenciam na evolução da língua. O tradutor entende que a economia linguística está diretamente ligada à raça e ao espaço físico do qual o falante faz parte:

Por la ley del menor esfuerzo, tan común a todas las razas indolentes de los trópicos, el habitante del interior del Brasil redujo el vocablo sertão a sus dos últimas sílabas: sertão. Es ésta una deducción nuestra, aplicable a todas las regiones brasileñas en que la visión continuada y cansadora del desierto haya podido dar origen al aumentativo: desiertón. (ibidem)

Nesse exemplo, no que diz respeito à tradução do título, o tradutor sente-se exitoso. Entretanto, alerta que em outros casos não foi possível atingir tal feito. A saída encontrada por ele foi deixar o trecho no original, quando impossível traduzi-lo, e colocar uma tradução plausível no rodapé:

Daré un ejemplo, entre los millares que este libro puede ofrecernos. Las tropas federales han tomado prisionero a un combatiente de ¡nueve años de edad! Un niño, que maneja a conciencia una mamlicher que le han facilitado descargada. Uno de los captores le pregunta si ha tirado con un arma así contra los soldados. Y el niño replica:

– E porque não? Pois si havia tribuzana velha!... Haveria de levar pancada, como boi acuado, e ficar quarando atoa, quando a cabrada fechava o samba desautorizando as praças?

Hube de traducirlo:

– *¿Y por qué no? ¿No hay entrevero, acaso? ¿Habría de aguantar picana como buey acorralado, y quedarme al fiudo, cuando los guapos hacían arder la milonga, poniendo a los soldados en fuga?*

Desistí de hacerlo, puse el original en el texto y en la nota esa traducción, que por fiel que pueda ser, pierde la totalidad de la indómita fiereza. (ibidem)

Ao longo do trabalho de Garay, o tradutor está visível em todo o texto porque utiliza muitos artifícios que apontam sua presença, que, por consequência, deixam à mostra as marcas linguísticas e culturais do texto original. O fato de o tradutor prefaciá-lo, realizando mesmo uma comparação entre *Os sertões* e *Facundo* – texto fundador da cultura argentina –, demonstra que julga o seu trabalho como de extrema importância, especialmente porque dá a conhecer ao leitor de língua espanhola um texto culturalmente marcado.

É evidente a existência de diversos discursos, mistura de registros, na obra de Euclides da Cunha, os quais são de difícil tradução para outra língua, o que torna a atuação do tradutor de extrema importância para que o leitor da língua alvo receba o texto satisfatoriamente. Há a preocupação de Garay em traduzir o estilo e a intenção do texto do autor brasileiro, e por isso a presença de explicações extratextuais.

Devemos destacar, também, que os tradutores Mariluz e Garay possuem a mesma preocupação de montar um glosário das palavras alheias à sua cultura, para que sirvam de suporte para o leitor, uma vez que o texto de Euclides é culturalmente marcado. Nas traduções feitas pelos argentinos, percebe-se uma preocupação em explicar as palavras específicas da região Nordeste do Brasil, como “caatinga,

chique-chique, jagunço, rapadura”, entre outras, sem destacar, porém, aquelas palavras comuns à cultura do pampa, mas não tão comuns a Euclides da Cunha. As palavras “gaúcho”, “bombachas”, “baguais”, “guaiaca”, “pingo”, “peleador”, “entreveros”, por exemplo, movimentam-se naturalmente no texto de Garay, o que deixa claro que seus leitores não terão problemas ao ler, porque lhes são familiares. A interferência do tradutor é de extrema importância para mostrar as peculiaridades da cultura não compartilhada que está sendo traduzida.

Das declarações de Garay presentes no prefácio de *Los sertones*, a que parece de extrema importância para este estudo é a reflexão que faz acerca do ato de traduzir tal texto. De forma quase poética, Garay nos mostra a “intraduzibilidade” de *Os sertões*, pois afirma que Euclides da Cunha apossou-se de uma linguagem popular e local para traduzir o ambiente, o que a língua portuguesa acadêmica era incapaz de fazê-lo (tampouco outra língua) com as mesmas peculiaridades do original. Assim, o fato de Euclides “sugerir mais do que dizer”, para o tradutor, transforma o ato tradutório em um grande desafio. Mais do que verter o texto de uma língua para outra, Garay precisava verter o que o texto sugeria; precisava traduzir uma cultura alheia. Se esse movimento não acontecesse, o novo texto ficaria carente de “*fuera de expresión*”. Após destacar continuamente seu esforço para traduzir *Os sertões*, por fim Garay entrega os pontos, transformando sua tarefa em algo menor:

Porque, no me canso de repetirlo, la estridencia de piedras recalentadas al sol, que es la música de este idioma sonoro del libro de Euclides da Cunha, no puede ser imitada por la orquestación del teatro lírico de un idioma ceñido por las academias. Cuando más, lo que ha de ambicionar el traductor es el de transportar el contorno de la obra maestra, dejando que la imaginación del lector intuya la catarata de belleza que dentro de ese contorno se encierra. Es lo que he hecho. (ibidem, p.12)

Ainda que a tradução possua muitos elementos extratextuais que esclarecem particularidades da cultura brasi-

leira, o que, portanto, demonstra o êxito da tarefa tradutória, Garay não percebeu a importância de seu trabalho, menosprezando-o, por vezes, por pensar que poderia ter sido possível uma tradução literal do texto original. Evidentemente, devemos lembrar que essa tradução data do final da década de 1930, e que, portanto, as reflexões acerca do trabalho tradutório ainda estão presas às questões linguísticas e à fidelidade ao original, por isso a preocupação de Garay em buscar a perfeição.

Como não podemos medir a recepção dos textos brasileiros na Argentina por falta de dados precisos, podemos afirmar, a partir do número de títulos traduzidos e publicados pela Editorial Claridad, que, em determinado período, a literatura brasileira fez parte do polissistema literário argentino, circulando entre os leitores de forma maciça. O fato de ter havido duas traduções do mesmo texto em três anos, e uma segunda edição de uma delas, demonstra a importância que tal texto assumiu no polissistema que o recebeu. Em pesquisa, encontramos os seguintes títulos traduzidos por Garay:⁶

- *Os sertões*, 1902 – Euclides da Cunha (*Los sertones*, 1938)
- *Rei negro*, 1914 – Coelho Netto (*Rey negro*, 1931?)
- *Bugrinha*, 1922 – Afrânio Peixoto (*Chinita*, 1942)
- *Amazônia misteriosa*, 1925 – Gastão Cruls (*Amazonia misteriosa*, [193?])
- *A marquesa de Santos*, 1925 – Paulo Setúbal (*Enbrujo: la marquesa de Santos*, 1941)
- *Presidente negro*, 1926 – Monteiro Lobato (*El presidente negro: novela norteamericana del año de 2228*, 1935)
- *O quinze*, 1930 – Raquel de Queiroz (*Sed*, [194?])
- *Garimpos*, 1932 – Herman Lima (*Garimpos*, 1939)
- *Casa grande & senzala*, 1933 – Gilberto Freire (*Casa grande y senzala* – Ministerio de Instrucción Pública de la República Argentina, 1942)

⁶ Destaco, ainda, que Garay não era o único tradutor dos textos em português na Editorial Claridad, e que muitos outros títulos brasileiros foram traduzidos por outros profissionais como: Raúl Navarro, Julio Payró, Iris de Barboza Mello, Pablo Palant, Tomás Muñoz Molina, Bernardo Kordon, Pedro Juan Vignale, Amado Alonso, Alfredo Cahn. Tais tradutores não só traduziam textos literários, como também textos de historiografia, de geografia, de etnografia, entre outros estudos referentes ao pensamento social do Brasil.

- *Salgueiro*, 1935 – Lucio Cardoso (*Morro de Salgueiro*, 1939)
- *Mar morto*, 1936 – Jorge Amado (*Mar muerto*, [194?])
- *Dom Quixote das crianças*, 1936 – Monteiro Lobato (*El Quijote de los niños* – tradução em parceria com Sarah Joffré, 1938)
- *Navios iluminados*, 1937 – Ranulfo Prata (*Navios iluminados*, [194?])⁷

⁷ Os textos publicados pela Editorial Claridad, em Buenos Aires, compreendem as décadas de 1930 e 1940.

Gilberto Freyre (2003), um dos intelectuais mais importantes do cenário brasileiro e pensador das questões latino-americanas, destacou a relevância do trabalho feito por Benjamín de Garay, à época da intensa atividade tradutória do argentino, reclamando às autoridades o reconhecimento desse cidadão que muito contribuiu para a divulgação da literatura brasileira na América Espanhola.

Diante dessas considerações, vale ressaltar que para o tradutor importa perceber as diversidades culturais, para que consiga traduzir para sua cultura essa diferença. Octavio Paz (1971, p.9) nos lembra de que “*las lenguas que nos sirven para comunicarnos también nos encierran en una malla invisible de sonidos y significados, de modo que las naciones son prisioneras de las lenguas que hablan*”. Assim, a tradução tem uma importante tarefa de aproximar culturas, porque aproxima os indivíduos que estão ilhados em si e “*suprime las diferencias entre una lengua y otra*” (ibidem). Desse modo, percebe-se que são as inter-relações entre as culturas que compõem os significados, e é a percepção dessa coexistência cultural que facilita ao estudioso identificar “o ‘específico’, aquilo que caracteriza as ‘tensões’ nesse processo” (Carvalho, 2003, p.164).

Para finalizar, destaca-se a tarefa do tradutor como de extrema importância para a aproximação entre línguas e culturas, para a projeção de determinada literatura em outro polissistema que não o seu, visto que, como sabemos, o tradutor busca adequar o que traduz à sua cultura, seguindo, assim, “*ciertas reglas culturales, ciertas estrategias*

discursivas y convenciones de la cultura de destino que son tan importantes como las que producen textos originales en esa misma cultura”, conforme Carbonell i Cortés (1997, p.22). Garay e Mariluz introduziram *Os sertões* na leitura da sociedade argentina da época, dando aos leitores a possibilidade de conhecer uma cultura alheia, porém significativa para o período vivido.

Referências

- BASSNETT, Susan. *Comparative literature: a critical introduction*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1993.
- BENJAMÍN, Walter. La tarea del traductor. In: VEGA, Miguel Ángel. (Org.) *Textos clásicos de teoría de la traducción*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994. p.285-96.
- CALZADA, María. Traducción antropofágica: Pedro Almodóvar se come el mundo en *Todo sobre mi madre*. In: ÁLVARES, Román; ÁFRICA VIDAL, María Carmen. (Ed.) *Cartografías de la traducción: del post-estructuralismo al multiculturalismo*. Salamanca: Varona, 2002. p.77-117.
- CAMPS, Assumpta. Ética y política de la traducción en la época contemporánea. Barcelona: PPU, 2004.
- CARBONELL I CORTÉS, Ovidi. *Traducir al otro: traducción, exotismo, poscolonialismo*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1997.
- CARVALHAL, Tania Franco. Traducción e recepción en la práctica comparatista. In: CAMPS, Assumpta. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- _____. Ética y política de la traducción en la época contemporánea. Barcelona: PPU, 2004. p.13-25.
- CUNHA, Euclides da. *Los sertones*. Versión compendiada e traducida por Enrique Pérez Mariluz. Buenos Aires: Editorial Atlántida, 1941.
- _____. *Los sertones: la tragedia del hombre derrotado por el medio*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1942.
- _____. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Los sertones*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- DEVOTO, Fernando J. Imigração européia e identidade nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1914). In: FAUSTO, Boris. (Org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999. p.33-60.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *A função do polissistema literário na história da literatura*. Trad. Ubiratan Paiva de Oliveira. Porto Alegre: UFRGS, s. d.
- FREYRE, Gilberto. O velho Garay [1943]. In: _____. *Americanidade e latinidade da América Latina e outros textos afins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. p.103-5.
- GALLEGO ROCA, Miguel. *Traducción y literatura: los estudios literarios ante las obras traducidas*. Madrid: Ediciones Jucar, 1994.
- GARAY, Benjamín de. Prefácio del traductor a la 2ª edición. In: CUNHA, Euclides da. *Los sertones: la tragedia del hombre derrotado por el medio*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1942. p.9-12.
- GOMES, Mitizi. Os sertões: ¿una obra intraducible? – Benjamin de Garay, traductor de Euclides da Cunha. In: CAMPS, Assumpta et al. (Org.) *Traducción y di-ferencia*. Barcelona: PPU, 2006. p.171-8.
- LEFEVERE, André. *Traducción, reescritura y la manipulación del canon literario*. Salamanca: Varona, 1997.
- PAZ, Octávio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets, [1971].
- SORÁ, Gustavo. Livros de autores brasileiros na Argentina: uma força de alteridade negada. In: SPEKTOROWSKI, Alberto. *Argentina 1930-1940: nacionalismo integral, justicia social y clase obrera*, 2003. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/II_1/spektorowski.htm> Acesso em: 27 jan. 2006.
- SPEKTOROWSKI, Alberto. *Argentina 1930-1940: nacionalismo integral, justicia social y clase obrera*. 2003. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/II_1/spektorowski.htm> Acesso em: 27 jan. 2006.